



Educação Intercultural Indígena em Agroecologia: uma proposta em construção.

Indigenous Intercultural Education in Agroecology: a proposal under construction.

DA SILVA PONTE, Vanderlúcia¹; GONÇALVES, Jakson²; TEMBÉ, Ednaldo³;
SANTOS DA COSTA, Ana Victória⁴; IRAN PEIXOTO DA SILVA; Uarley⁵; TEMBÉ,
Edivaldo⁶; SÁ LEITÃO BARBOZA, Roberta⁷

¹UFPA-Bragança, vandaponte@ufpa.br; ²jaksonsg95@gmail.com; ³Associação dos Tembés; ⁴UFPA-Bragança, vicctoriasant@gmail.com; ⁵UFPA-Bragança; ⁶Associação dos Tembés; ⁷UFPA-Bragança, robertasa@ufpa.br

Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: O projeto de extensão “Floresta Viva Tembé: práticas e vivências interculturais em agroecologia” foi desenvolvido entre abril de 2018 e abril de 2019 em constante diálogo com a Associação do Grupo Indígena Tembé das Aldeias Sede e Ytuaçu (PA), através de vivências interculturais entre alunos indígenas do Ensino Médio e alunos não-indígenas do Ensino superior. Atualmente, o projeto está construindo a proposta de uma formação em agroecologia indígena que contemple o sistema de manejo integrado entre agricultura, caça, pesca e extrativismo vegetal, no intuito de evidenciar e potencializar estes saberes tradicionais, despertar o interesse nos jovens pela formação agroecológica e, portanto, para a gestão sustentável do Território indígena. Dessa forma, a proposta em construção considera os princípios da cosmovisão indígena (inverno, verão, fases das luas, zonas produtivas) para a gestão de 279 mil hectares da Terra Indígena do Rio Guamá (TIARG).

Palavras-Chave: Interculturalidade; Povos indígenas; Território, Vivência Agroecológica.

Keywords: Interculturality; Indigenous people; Territory, Agroecological Experience.

Contexto

O presente relato é fruto do projeto de extensão “Floresta Viva Tembés: práticas e vivências interculturais em agroecologia”, o qual surgiu como uma demanda do povo indígena Tenetehar-Tembé¹, após participarem em 2016 de um seminário realizado no Campus de Bragança na Universidade Federal do Pará. Durante o seminário, os indígenas explicaram sobre as necessidades de salvaguardarem seu patrimônio biocultural e seus saberes imateriais em decorrência de constantes ameaças de perda do Território (Terra Indígena do Alto Rio Guamá-TIARG). Assim, o projeto tentou buscar estratégias para recuperação e uso equilibrado da agrobiodiversidade e sociobiodiversidade através de atividades interculturais entre jovens indígenas alunos do ensino médio das Aldeias Sede, Pinowa e Ytuaçu, e alunos dos cursos de Ciências Biológicas, Engenharia de Pesca, Ciências Naturais e História da UFPA e de Gestão Ambiental e Agroecologia do IFPA. O projeto foi realizado entre abril de 2018 e abril de 2019 pela UFPA/Campus Bragança em parceria com o IFPA/Bragança.

¹ No presente texto iremos utilizar o termo *Tembé* para nos referirmos ao grupo étnico em questão.



Descrição da Experiência

Durante o projeto “Floresta Viva Tembés: práticas e vivências interculturais em agroecologia” os alunos das aldeias puderam vivenciar um pouco o cotidiano dos alunos da UFPA e IFPA durante aulas práticas com visitas em laboratórios e participação em oficinas de compostagem e de Sistemas Agroflorestais (SAF). Alguns alunos das Instituições de Ensino Superior também vivenciaram seus estágios curriculares nas aldeias.

Realizou-se também um levantamento das práticas de manejo ambiental dos indígenas, considerando agricultura, extrativismo vegetal e caça, através de entrevistas semiestruturadas, conversas informais, observação participante, visitas guiadas por indígenas (Fig. 1) em área de floresta e de cultivo agrícola e acompanhamento de atividades extrativistas, como coleta de açaí e caça durante a realização de um acampamento na mata organizado pela escola Felix Tembé (Fig. 2). Também foi observada e registrada a importância dos elementos naturais para a cultura Tembé durante o ritual da Moça² (Fig. 3) e em outras atividades culturais, através de anotações em caderno de campo, filmagens, fotografias e desenhos realizados por crianças indígenas (Fig. 4).



Figura 1. Visita guiada a mata com ancião indígena na TIARG-PA.

² Importante ritual de vida que celebra a mudança dos indivíduos Tembé, sobretudo das mulheres, para a fase adulta.



Figura 2. Acampamento da escola Felix Tembê na TIARG-PA.



Figura 3. Ritual da Moça na TIARG-PA.



Figura 4. Crianças desenhando e pintando na TIARG-PA.

Resultados



A partir dos diálogos e observações durante as vivências na Terra Indígena foi possível perceber que o Território dos Tembés sofreu profundas transformações em função principalmente de invasões com práticas impactantes, como retirada de madeira, caça ilegal e desmatamento com finalidades pecuárias e agrícolas. Além disso, a sociedade não-indígena incorporou novas técnicas agrícolas aos Territórios indígenas, como o uso de agrotóxicos, e participação na economia de mercado, trazendo consequências desastrosas tanto do ponto de vista ambiental, como cultural. Nesse contexto, os Tembés buscam na Agroecologia o caminho para retomar algumas tradições, uma vez que *os sistemas agroecológicos são profundamente enraizados na racionalidade ecológica da cultura tradicional, ao promoverem técnicas economicamente viáveis, com ênfase no uso do conhecimento indígena, da biodiversidade agrícola e dos recursos locais, evitando assim a dependência de insumos externos* (Altieri, 2012, p. 16).

Diante desse contexto e após várias conversas com os caciques, professores da escola indígena e das IES e o gestor da escola indígena, foi realizada uma parceria entre os indígenas e a academia no sentido de: 1) confeccionar material educativo para e com os indígenas e 2) construir a proposta de uma formação em agroecologia para os indígenas Tembés. Essas duas atividades se encontram atualmente em desenvolvimento e serão melhor explanadas a seguir.

A idealização da confecção de materiais educativos surgiu a partir do levantamento das práticas de manejo realizado durante o projeto e constatação da quase inexistência de material didático e paradidático que subsidie professores e potencialize o ensino de crianças e jovens voltado para a valorização dos saberes tradicionais da escola indígena Félix Tembé. Essa escola atende quatro aldeias nas duas últimas etapas do ensino básico, tem como um dos princípios basilares o ensino para valorização da identidade Tembé. Desta forma, apresenta em sua grade curricular, além das disciplinas obrigatórias, as disciplinas Língua Indígena, a Arte Indígena, Cultura e Identidade. O modelo de escola diferenciada pouco interage com os conhecedores tradicionais da cultura. Os velhos, considerados verdadeiros guardiões da memória e dos saberes, são pouco valorizados pelo modelo de escola implantado pela políticas de educação. Embora a escola Félix Tembé busque valorizar esses conhecimentos, ainda assim, os professores não indígenas e os indígenas precisam seguir os conteúdos definidos pelas secretarias de educação.

Os conhecimentos, as práticas e as narrativas da cosmologia Tembé que estão sob o domínio das parteiras, dos pajés, das erveiras, assim como dos cantores e artesãos não são incluídos nos planos de aula dos professores, que muitas vezes, ignoram a importância desses saberes para a dinamização da cultura e da preservação da TIARG. A educação Tembé precisa necessariamente extrapolar os muros da escola. É no cotidiano do saber fazer na floresta, nos rios, na convivência comunitária que o Ser Tembé se constitui e se forma, por isso uma grande preocupação da escola Tembé e dos caciques e lideranças das aldeias é de prevenir o envolvimento de jovens indígenas com drogas ilícitas e lícitas. A relação com a espiritualidade e a ancestralidade é importante marcador da identidade e do modo de pertencimento no



mundo, portanto, considerar e reatualizar essa memória é condição *sine qua non* para se garantir o futuro do território e do modo de vida tradicional Tembé. Dessa forma, o projeto Floresta Viva Tembés está desenvolvendo atualmente quatro cartilhas dos saberes da floresta (pesca e caça, farinha, rituais, espiritualidade) e um documentário sobre os saberes tradicionais em agroecologia dos Tenetehar-Tembé.

Além disso, o projeto está construindo uma proposta diferenciada de uma formação em Agroecologia voltado para a realidade e especificidade Tembé, como demandado pelos indígenas. Inicialmente, a ideia é que a formação tenha uma matriz circular, que leve em conta os princípios da cosmovisão indígena (inverno, verão, fases das luas, zonas produtivas, rituais e outros aspectos culturais do calendário Tembé) para que assim possa ser arquitetado um currículo que contenha eixos temáticos e não disciplinas e métodos “tradicionais” de ensino. Alguns tópicos importantes deverão ser enfatizados, como preparação do solo para agricultura orgânica, roça sem queima, construção e manutenção de um banco de sementes comunitário, produção de mudas e reflorestamento, construção e manutenção de SAF, zoneamento, recuperação de nascentes, políticas públicas para agroecologia, protocolo de gestão territorial, estratégias de educomunicação, conceitos básicos na Antropologia como Cultura e Identidade, entre outros. Propõe-se ainda que a formação apresente uma base prática forte, que possa ser vivenciada através de experiências de intercâmbios com produtores agroecológicos da região paraense, tanto na própria TIARG ou em visitas a outras localidades. Durante as aulas da formação, será proposto que os alunos organizem atividades integrativas junto aos demais indígenas que não estejam cursando o programa e outros povos, como feiras de troca de sementes tradicionais; a procura nos bancos de germoplasma institucionais de variedades perdidas de seus roçados; feiras agrícolas; criação de meio de divulgação de suas atividades; reunião dos anciãos para registro dos saberes; pesquisas de resgate de saberes ancestrais; etc.

Assim, com uma preocupação focada no impacto da perda do patrimônio biocultural, pretende-se reunir experiências e fomentar intercâmbios com relação a importância dos territórios para a conservação *in situ* da biodiversidade e agrobiodiversidade na construção de uma proposta pedagógica pautada nos princípios agroecológicos.

Agradecimentos

Aos Tembés pelo acolhimento e interação; pelas Associações do grupo Indígena Tembé e as Instituições de Ensino Público Superior de Bragança UFPA e IFPA pelas instalações, infraestrutura, alunos e funcionários envolvidos no projeto.